

Faces Potiguares

Edição Bimestral (Jan/Fev - 2001)

Nesta edição:

Textos nesta edição:

- Opúsculo Humanitário
- O Recalque
- O Monólogo de um Bisturi
- Manuelina, flor de África
- A filha pródiga à biblioteca torna: felicidade explícita

Opúsculo Humanitário

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência!

Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite!!

Se as meninas, que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbaria, não deixavam entretanto de presenciá-la por vezes, e de receber uma impressão desfavorável, que muito concorria para enervar-lhes a delicadeza e modéstia, que de outra sorte dirigidas tanto realce dão às qualidades naturais da mulher.

A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas, onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência, nem o menor acatamento ao importante magistério, que sem compreender exerciam.

O sistema inquisitorial das torturas infligidas às inocentes vítimas do Santo Ofício, que sob outra forma e com diverso fim transpusera o Atlântico, presidia ao ensino da mocidade brasileira, ministrado por severos jesuítas ou por mestres charlatães, cujo mérito consistia em saber soletrar alguns clássicos portugueses, e assassinar pacificamente Salústio, Tito Lívio, Virgílio e Horácio!

Esta inaudita e brutal severidade era sancionada por grande número de pais, cuja educação tinha sido assim feita, cujo rigor doméstico não era menos cruel.

Com algumas modificações continuou infelizmente este regimem muito tempo depois. Pais e filhos estavam ainda por educar, como se vê desta observação do Conde dos Arcos a um mestre da escola da Bahia, que se lamentava do pouco resultado de seus grande esforços para bem dirigir a educação de seus discípulos: "Será preciso primeiramente educar os pais, para que se possa conseguir a boa educação dos filhos".

Não deixaremos entretanto passar esta observação, posto que justa, sem que acrescentemos outra; e vem a ser, que não era a um filho do país, a quem o Brasil deve todos os seus erros e prejuízos, que cabia censurar uma falta dele procedente, e tão geralmente nele cometida.

Demais o célebre introdutor das primeiras comissões militares no Brasil, digno sectário da doutrina de Hobbes, que pretende - ser o depotismo ordenado pela religião, não devia censurar a falta de uma educação esclarecida sem a qual mais facilmente os homens se submetem ao absolutismo de seus governantes.



Nísia Floresta

O texto de Nísia Floresta é um crítica contundente aos métodos educacionais da época. Em vez de proporcionar o desenvolvimento da criança, os castigos brutais e humilhantes eram freqüentes, daí a revolta da autora que denuncia, neste texto como em outras obras, o traço inquisitório e ditatorial da educação, reflexo de uma sociedade autôrítária. Como melhorar a educação no lar e nas escolas, a educação dos jovens, dos pais, da nação como um todo? Eis a grande questão levantada por Nísia, mulher comprometida com a proposta emancipatória e política de transformar a sociedade na qual vivia. Extraído do "Opúsculo Humanitário", publicado em 1853, este texto mostra o papel desenvolvido por Dionísia Gonçalves Pinto, nome real da escritora potiguar Nísia Floresta (1809 - 1885).

Françoise Dominique Valery - Professora Doutora em Arquitetura e Urbanismo

O Recalque

(Conto do tempo de Hitler)

O sonho de Calixto foi medonho.

Soara a hora das profecias, o momento terrível que a cidade aguardava e temia.

As sirenas berravam estridentes no silêncio da noite, acordando os que dormiam naquela madrugada outonal.

De lado do mar, em revoadas, apareceram pássaros gigantescos que conduzem a morte. O ronco dos motores tinha ressonância de trovões colossais. Das suas asas, marcadas com a suástica, vomitavam as metralhadoras, ceifando a vida dos que fugiam sem destino, arrebatados pelo terror. As bombas explosivas e incendiárias, de todos os calibres, silvavam nos ares, em guinchos de animais estranhos, antes de abrirem imensas crateras ou arrasarem prédios num vortilhão tremendo.

O céu estava riscado pelos jatos de poderosos holofotes, que localizavam algumas vespas do enxame mortífero e barulhento; em baixo, lavravam os incêndios e o blackout já não era eficaz, dada a claridade produzida pelas chamas crescentes.

As baterias anti-aéreas pipocavam roucamente, em protesto solene contra o ataque alemão, cuspidas as faces do agressor com catapultas de fogo.

Num relance, Calixto viu cair uma super-bomba a muitas dezenas de passos e o deslocamento do ar arrojou-o ao solo no meio de corpos espatifados pelos desmoronamentos.

O efeito ocasionado pela queda do grande petardo foi tão extenso que enorme buraco abriu-se na terra convulsionada, transformando a vala em abrigo edificado pelo próprio inimigo, muito embora construído com o sacrifício de outro que se encontrava próximo, o qual, após o impacto, uniu as paredes da cova e se fechou rapidamente, sepultando os que procuravam proteção em seu seio de argila, deixando, apenas, de fora, o braço de uma mulher arremessando um murro ao infinito. Dir-se-ia que a fenda gigantesca, aberta pelo projétil, vencera a luta pelo espaço vital, disputada com o abrigo, naquela noite de horror.

Já agora as vítimas se amontoavam. Os gemidos dos moribundos sumiam-se no clangor infernal de gritos atrozes e téticos de um povo sacrificado, imolado ao vampirismo da destruição.

Os aviões atacantes, porém, não procuravam somente lançar o terror e arrasar os lares da população civil de Natal. Ondas e ondas volavam na direção do sul, em busca de Parnamirim, na ânsia de cortar a veia que ligava os continentes.

Calixto olhou em derredor e, até onde a vista alcançava, viu subirem as línguas de fogo da cidade incendiada e pensou no filho que pernoitara na base aérea. Cambaleante, levantou-se, tresfolgado pela fumaça, segurando alguma coisa quente e gelatinosa.

Espavorido, vê que tem em suas mãos a cabeça de uma criança, empapada de sangue, separada do tronco por algum estilhaço que não quis poupar quem ainda não conhecia as ideologias que separavam os homens e deflagrara a guerra.

Bruscamente Calixto solta o macabro achado, mas, por um momento, naquela repulsão, lembrou-se, cheio de pavor, que, talvez no mesmo instante, em Parnamirim, alguém se desvencilhasse dos restos ensanguentados de seu filho.

A capital dos potiguares não tinha mais sua fisionomia anterior. As ruas perdiam seus traçados, extensos montões de escombros soterravam milhares de vítimas.

-Meu Deus! Meu Deus!, rouquejava Calixto, alucinado, esses incêndios, não me deixam passar para ver meu filho, vociferava em desespero.

Andando, tropeçando, por toda parte que procurava os bombeiros, na persuasão de que onde eles estivessem agindo as chamas cederiam passagem para o Tirol e de lá, em qualquer condução, caminharia até Parnamirim, para abraçar seu filho idolatrado, aconchegá-lo, numa segurança mesmo ilusória.

Mas Calixto não encontrava bombeiros em parte alguma. O fogo queimava danadamente e não aparecia quem o apagasse. Angustiado, o coração aos pulos, lembrou-se, então, de que, há muitos anos, não existia, na cidade, uma corporação destinada ao apagamento de incêndios. Natal, naquele momento a mais necessitada, era talvez a única capital brasileira onde havia corpo de bombeiros.

A confusão estava generalizada. A população, ululante, dominada pelo pavor, esqueceram as úteis recomendações que as autoridades divulgavam constantemente para a eventualidade de um ataque alemão.

Entrementes, serpenteava o fogaréu e a dor campeava em todos os bairros. A Ribeira era uma tocha; a Cidade Alta, um mar de chamas; o Alecrim, uma cortina de fumo, velário encobrendo os sepúlcros caiados do Cemitério Público e os esqueletos fragmentados que afluiam à superfície, resolvidos pelas bombas que procuravam os próprios mortos. O sofrimento era intenso e alcançava todos os quadrantes da cidade que pagava o tributo da fatalidade geográfica de constituir o saliente continental.

As labaredas lambiam um céu sem estrelas; nuvens negras de fumaça enroscavam-se e dançavam na direção do infinito, semelhantes a cordilheiras aladas, cíclopes em marcha sobre o chão carbonizado.

Gente se empurrava e ninguém se entendia. Era bem o sinal dos tempos.

Os homens fugiam, fugiam, espavoridos, as faces congestionadas e os olhos pasmos de horror. Mas, fugiam para onde? Para onde, se a guerra não respeita nem os santuários, nem limita a cartografia da cidade bombardeada?

A metrópole inteira continuava a arder. O drama que se desenrolava num local era superado por outro que se representava além. A queda cadenciada das bombas, o espocar estuante da metralha, a zoadá ensurdecadora dos abutres metálicos, os gritos

lancinantes das multidões que apareciam de todas as direções, esmagando e triturando os que tombavam, a dor que era a dor de outros povos, tudo isso indicava que a sentinela avançada da Pátria recebia as primeiras feridas da guerra geral.

Pisara seres disformes, cadáveres ainda quentes, e, duma feita, escorregou e caiu de rojo sobre um ferido arquejante, irreconhecível, mas que poderia ser o corpo do seu melhor amigo.

Esborcinava-se a pacatez de um povo. Pululavam os açordas naquela fúria de destruição. Calixto não desanimava, porém. Vencia a torrente, rompia a onda humana, feria-se, rasgava-se, sentia a fumaça asfixiante e o calor dos incêndios abrazava. Ele sabia, que, em cada casa, das que ainda pontilhavam nas ruínas, outros procuravam filhos, esposas e maridos. O seu coração de pai entendia, porém, que o seu filho, mais do que toda gente, precisava de sua presença e de seu auxílio e, por isso, urgia chegar a Parnamirim.

Já andara não sabia quanto; vira, através da cidade, quadros tumultuosos, trasgos que se gravam na memória e jamais serão esquecidos. O ciclone incandescente e estrafegante arrasara quase tudo. Mas Calixto continuava andando por sobre os destroços fumegantes, angustiado e receando ver cair a seus pés algum ovo daqueles pássaros apocalípticos.



Antônio Soares

Escrito em 1942, era capítulo de romance de guerra que não foi concluído. Naquela época, as divisões blindadas ítalo-germânicas avançavam nas areias africanas e, vez por outra, corria o boato de que os alemães haviam ocupado Dakar, ameaçando salto sobre o Atlântico para destruírem a base aérea de Parnamirim, a maior das Américas, por onde passavam, diariamente, centenas de aviões conduzindo soldados e abastecimentos para a guerra na África, e, posteriormente, invasão da Itália. A importância estratégica de Natal levou o Presidente Roosevelt a denominá-la Trapolim da Vitória. Passados mais de 30 anos, o autor resolveu incluir o presente trabalho nesta coletânea, nada alterando do original, no intuito de conservar a ficção que talvez hoje pareça exagerada, mas que, no entanto, pretendia refletir o estado psicológico de uma cidade praça de guerra, que não possuía extintores de incêndios, vivia em permanente blackout e sob o signo do boato de bombardeio. Certo dia o Comando Militar decidiu, sem aviso prévio à população, realizar exercício simulado de defesa contra ataque aéreo. Apenas ligaram as sirenas de alarme e cruzaram as luzes dos holofotes no céu da cidade escura. Foi o suficiente para despertar o pavor. Ainda hoje se fala dos partos prematuros, crises nervosas, correrias desabaladas para os abrigos improvisados e os outros incidentes. Diziam os crentes que nada poderia acontecer, pois há mais de trezentos anos, Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira de Natal, protegia a cidade que recebeu sua imagem vinda do mar, encontrada boiando no rio Potengi.



Henrique Castriciano

O Monólogo de um Bisturi

A Papi Junior

Primeiro o coração. Rasguemo-lo. Suponho
Que esta mulher amou: tudo está indicando
Que morreu por alguém, este ser miserando,
Misto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho.

Isto não me comove: adiante! Risonho
Fere, nevado gume! e, ferindo e cortando,
Aço, mostra que tudo é lama e nada, quando
Sobre os homens desaba o Destino medonho...
Fere esse braço grego! E as pomas cor de neve!
E as linhas senhoris que a pena não descreve!
E as delicadas mãos que o pó vai dissolver
Mas poupa o ventre nu, onde repousa um feto;
Por que hás de macular o sono fundo e quieto
Desse verme feliz que morreu sem nascer?"

Manuelina, flor de África

Há quanto tempo perambulo pelas ruas da cidade a buscar-te.

Será que teus olhos amarelados pelos anos te impedem de vir ver-me? Ou será que a névoa cobriu-os de forma irreversível?!

Não sei, não sei, minha querida companheira solitária. A tua voz chega-me aos ouvidos, mas não consigo compreender o seu lamento. Só sei que sinto muita falta de tua presença, que me dá calor e paz.

Continuo portando à mão uma lembrança do Natal para oferecer-te. Em vão deambulo manhãs e manhãs pelas ruas sem encontrar-te. Na calada da noite, quando insone, revolvo meus pensamentos procurando entrar em sintonia com os teus, porém até hoje não tenho conseguido localizar a tua estação.

Será que tua filha levou-te ao oftalmologista como te recomendei, para examinar as duas pedras de azabache que trazes nas órbitas maltratadas e desgastadas pelo tempo!

Aflijo-me ao pensar em perder-te, não só porque simbolizas a minha amada "Mãe Preta" que, inúmeras vezes, me acalentou em seus braços macios quando lutava pela vida e que, impiedosamente, o famigerado caranguejo devorou-a, mas porque irradias bondade e amor mesmo pelos indiferentes a tua causa.

Volta, amiga, a pousar nos degraus da Rio Branco, a fim de poder entregar-te o meu humilde caminho e matar a saudade que me está dilacerando o peito.

Maria Briolanja - Professora de Língua Espanhola

Natal, 27 de dezembro de 1999

A filha pródiga à biblioteca torna: felicidade explícita

Marly Amarelha

Há mais ou menos dez anos, desistia de freqüentar a Biblioteca Central Zila Mamede da UFRN. Naquela época, havia feito tentativas de me tornar sua assídua cliente; entretanto, sempre acontecia algum incidente que acabava por me irritar, frustrar e, pior, me deixar sem o livro que buscava. O episódio que determinou meu total afastamento foi o desaparecimento de um livro.

Quando fui fazer um empréstimo, informaram-me no balcão que não poderia fazê-lo, pois estava devendo uma devolução. Impossibilitada de provar que já havia devolvido o dito livro (como é que a gente prova que já devolveu um livro se o paciente da ação, isto é, o livro, não está em suas mãos para você redevolvê-lo e assim demonstrar perimptoriamente que o devolveu?), protestei, declarei meu currículo de pesquisadora na área de leitura, enunciei passagem por bibliotecas inglesas, onde desaparecimento de livro é caso de polícia, mas, nada... Saí sem livro. Mas insisti, queria, pelo menos, limpar meu nome de leitora honesta.

Finalmente, mais ou menos uns dois meses após, fui informada de que o livro tinha sido encontrado, fora encaminhado para restauração, estava cansado o coitado... Foi ele indo se hospitalizar e eu me afastar da Zila Mamede. Ficou o trauma. (Desse episódio não tenho nenhum registro escrito, pois a biblioteca, em nenhum momento, se achou na responsabilidade de me devolver a confiança nos seus serviços e na minha auto-estima de leitora).

Como dizia, dez anos são passados. Precisei, com urgência urgentíssima (aquelas que só leitor em desespero de causa conhece) de um livro clássico do pensamento ocidental. Tenho o dito cujo, em língua de Shakespeare, mas preciso fazer citação, melhor usar a tradução já publicada. Recorro a amigos, ninguém tem. (Já lá no fundinho da memória começa a surgir a prateleira daquela biblioteca...) Inevitável, fui à Biblioteca Central Zila Mamede.

No subsolo, movimento mediano, pequena fila nos guichês de empréstimo. A mudança mais visível são os computadores. Olhei de um lado pro outro, ninguém com jeito de “esperando leitor”; ninguém com jeito de “ajudando leitor”. Vi um rapaz ajudando uns livros a se acomodarem na prateleira de rodinhas e me dirigi a ele. Um pouco com mão fria, já antecipando decepção. O crachá dele estava virado de costas pra mim, num evidente prenúncio de ... (você está rindo, mas trauma que se preze, tem todas essas coisas). “Estou procurando alguém... Será que você pode me...” “Eu mesmo, posso.” Ele me interrompeu.

Meio anestesiada, acompanhei-o até um computador. “Qual é o autor?” (Ele ignorou o fato de ser um bruto nome, parece que nunca ouviu falar no tal homem, ou talvez, seja sinal de intimidade demais). “O livro? Ah, está aqui.” Procurou um lápis emprestado, copiou o no do livro e lá fomos à prateleira. Localizei-o, dirigi-me ao balcão de empréstimo. Claro, agradei antes ao rapaz.

E no balcão... (Como eu disse trauma que é trauma não sai assim fácil). Fui logo

dizendo, quero levar emprestado esse livro, que documentos vocês querem?” Ofereci contra-cheque e identidade. “É cadastrada?” “Não sei.” (Na época do afastamento, a biblioteca começava a se informatizar, não me lembrava da minha condição).

Descobriram meu antigo cadastro, mas como havia mudado de nome, isto é, atrapalhei-me com um e o deixei com a autorização de um bom juiz de não paz, o computador não aceitava que eu fosse outra. Aí, minha tênue resistência à possibilidade de não levar o livro desabou. A moça começou a querer dizer que talvez eu tivesse que ir lá no Departamento Pessoal e informar meu novo nome, e eu cortando, isso já foi feito há cinco anos... O contra-cheque já traz o nome acertado com o primeiro padre... Mas devo ressaltar, as moças eram só sorrisos (à essa altura, a vizinha já dava palpite, solidária), elas queriam que eu levasse o livro, com certeza eu levaria o livro.

“E vamos insistir no novo cadastro”, e tanto fizeram que prometeram que iriam lutar para definitivamente apagar o nome que já era... Quando a outra moça prestou a atenção, foi dizendo: “Ah, mas você escreveu alguma coisa sobre leitura? Foi uma monografia, tese?” “Bem, tenho escrito livros, artigos...” respondi. Ela: “Quero organizar minha biblioteca sobre leitura, vou escrever meu trabalho sobre o assunto. Me dê aqui seu nome, onde posso encontrar o livro?...”

Enquanto isso chegou uma outra moça, também sorria muito: “Me dê seu documento, vou tentar tirar o nome. Tirei. Elas não tiraram antes, não foi por má vontade, é que só eu tenho a senha.”

Saí da Biblioteca Central Zila Mamede às 20h, da terça-feira, 06/06/00, feliz da vida, leve sem aquele nome e satisfeita com o meu filósofo.

Marly Amarilha é Ph.D. em Literatura Comparada, Professora da Pós-Graduação do Depart. de Educação da UFRN